

NÃO SE NASCE PROFESSOR, TORNA-SE: CONSTRUINDO MINHA IDENTIDADE DOCENTE POR MEIO DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA¹

Beatriz Giovana de Alcantara Guedes²

Samuel Cunha de Oliveira Giordani³

Luciana Resende Allain⁴

Ao parafrasear, no título deste trabalho, a frase icônica de Simone de Beauvoir, trago com ele um questionamento: em que momento nos tornamos professora/es? Será que ao escolher um curso de licenciatura? Ou ao realizar o primeiro estágio? Ou seria ao entrar em projetos como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID e o Programa Residência Pedagógica- PRP, ou então quando, já com o diploma em mãos, entramos no campo de trabalho? Para (Nóvoa, 1992), ninguém nasce professor, são necessárias formações e vivências, principalmente em uma perspectiva crítico-reflexiva, fomentando assim, o protagonismo na construção de uma identidade docente. Dessa forma, a prática docente nas escolas se torna uma parte importante na construção da identidade profissional, pois é através da imersão no cotidiano da comunidade escolar que se dá a compreensão da realidade teórico-prática.

Esse relato propõe uma reflexão pessoal de uma futura professora de Ciências e Biologia, que durante as experiências desenvolvidas no PRP, trouxeram questionamentos sobre “quem sou EU” - enquanto identidade pessoal - e “quem sou EU” enquanto identidade docente. Para isso, busco responder como a minha subjetividade refletiu na performance das minhas experiências de regência.

A construção da identidade docente é complexa e é potencializada quando adentramos no cotidiano da comunidade escolar, o que pode proporcionar o alinhamento na construção do EU pessoal e do profissional. (Nóvoa, 1991) já dizia: O professor é a pessoa. E a parte importante da pessoa é o professor. Dessa forma, compartilho duas regências realizadas no Ensino Médio de uma escola pública localizada na região urbana de Diamantina-Minas Gerais, uma ministrada em março e a outra em julho de 2023, a fim de evidenciar os desafios e conquistas na minha construção identitária.

¹ Trabalho produzido no Programa Residência Pedagógica, financiado pela CAPES.

² Residente e Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri- UFVJM, beatriz.alcantara@ufvjm.edu.br;

³ Preceptor do Residência Pedagógica de Biologia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri- UFVJM, samuel.giordani@ufvjm.edu.br;

⁴ Professora Doutora e coordenadora do Programa Residência Pedagógica de Biologia, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri- UFVJM, luciana.allain@ufvjm.edu.br.



A primeira regência se deu no mês de março de 2023, quando se comemora o Dia Internacional da Mulher, e envolveu o tema: “Mulheres na Ciência”, aplicada no 1º ano do Ensino Médio. O objetivo da regência foi valorizar a produção científica feminina, visibilizando o papel da mulher na Ciência. Assim, planejei a aula em três etapas. A primeira etapa consistiu na problematização sobre “o que é Ciência?”. Após uma breve discussão, pedimos aos alunos que imaginassem e desenhassem as pessoas que fazem ciência (a personalidade, aparência, qual lugar que trabalha). Com base na descrição realizamos as problematizações/apontamentos, uma vez que, como imaginávamos, a maioria dos alunos descreveu um homem, mais velho, que trabalha em um laboratório. No segundo momento mostramos aos alunos exemplos de feitos e práticas realizadas por mulheres, buscando problematizar o apagamento histórico de muitas delas e, para finalizar, no terceiro momento, dividimos a sala em grupos para sortear nomes de mulheres cientistas para a realização de uma pesquisa que culminaria na confecção de um painel de exposição. Eu planejei e desenvolvi a aula, mas sentia que tinha mais erros que acertos. Ao refletir sobre isso percebi que não tinha um embasamento teórico, não houve uma abordagem metodológica diferenciada, os alunos não participaram tanto, tive a sensação que todo o trabalho que fiz foi em vão.

A segunda regência deste relato, ministrei após observações semanais, com o acúmulo de experiências de outras regências e um contato mais direto com os estudantes. O tema escolhido é uma demanda recorrente entre os alunos: Sexualidade. Desta vez optei por uma sequência didática e nomeei a atividade como: “Corpos políticos: reconhecendo quem sou EU”. A escolha deste título foi intencional, pois assim conseguiria realizar uma problematização logo de início. A sequência didática iniciou com reportagens, a partir das quais propus uma reflexão junto aos estudantes, sobre se o nosso corpo era uma construção social. Abordei a diferença entre sexo, gênero e sexualidade e sobre a importância do autocuidado. Para isso, utilizei um modelo de torso anatômico, dando ênfase no sistema reprodutor masculino e feminino. Após essa primeira aula abordei os métodos contraceptivos, mas fugindo de uma perspectiva heteronormativa. Considerei, inicialmente, em colocar uma caixa de perguntas para que os estudantes fizessem seus questionamentos de forma anônima, evitando constrangimentos; mas não foi preciso, já que os alunos se sentiram tão à vontade comigo, que esclareceram suas dúvidas na própria aula, participando ativamente das discussões. Essa atividade foi bem diferente da primeira regência, quando os estudantes participaram só depois de muita insistência.



Começo dizendo que a Educação é um desafio, planejar e organizar são tarefas difíceis, principalmente porque ler a teoria e colocar na prática são coisas muito distintas, embora complementares. Dessa forma, percebo mais do que nunca como a escola é dinâmica, como é

orgânico esse espaço, portanto muito desafiador.

O PRP me permitiu compreender os desafios e possibilidades na construção da identidade docente, sendo possível a percepção apenas com o contato diário dentro de uma escola, pois embora a teoria seja importante, “a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal” (Nóvoa, 1992, p. 13).

Vejo que as possibilidades dos programas de iniciação à docência foram vastas e instigantes para mim, pois através da experimentação prática, pude aplicar diferentes estratégias de ensino, como experimentos e atividades mais reflexivas com os alunos, usando mais recursos audiovisuais, que acabaram enriquecendo a aprendizagem. Além disso, a aproximação com a realidade escolar e a interação com outros profissionais da educação permitiram compreender a complexidade e a importância da construção do ensino-aprendizagem nos alunos. No entanto, também encontrei desafios, principalmente com a falta de experiência, que me fizeram sentir por muito tempo que eu não estava “no lugar certo”, pois duvidei se conseguiria ser uma boa professora.

A profissão de professor surge como resposta às necessidades postas pelas sociedades, constituindo-se em um “corpo organizado de saberes e um conjunto de normas e valores” (Benites, 2007, p. 21). Nesse sentido, percebi que minhas frustrações e inseguranças iniciais vieram de expectativas construídas com base em minhas experiências como aluna. Em minha trajetória escolar tive a oportunidade de ter aulas com professores excelentes, por isso imaginei que apenas minha força de vontade e a repetição/imitação dos meus professores-modelo, bastariam para me tornar a professora que sempre quis.

Ao observar minha trajetória percebo uma mudança significativa no meu pensamento como discente em formação, e uma mudança ainda maior na construção da minha docência. Acredito que essa mudança parte das minhas experiências vividas, já que, com o programa de Residência Pedagógica, precisei estar imersa no dia a dia da escola, vivendo o cotidiano dos alunos, observei como era sua rotina, escutei suas angústias, ri com eles, “puxei a orelha” quando preciso, ou seja, passei a ter uma rotina de professora.

Segundo Dominicé, 1990:

É urgente devolver a experiência ao lugar que merece na aprendizagem dos conhecimentos necessários à existência (pessoal, social e profissional), na certeza que este processo passa pela constatação que o sujeito constrói o seu saber ativamente ao longo de seu percurso de vida. Ninguém se contenta em receber o saber como se ele fosse trazido do exterior pelos que detém os seus segredos formais. (Dominicé, 1990, p. 66, apud Nóvoa, 1992).

Dessa forma, percebi que minhas inseguranças pessoais eram principalmente devido à falta de experiência. Foi preciso investir nas formações, leituras e nas práticas, trazendo para meu planejamento uma singularidade encontrada em mim.

Antônio Nóvoa, 1999 ressalta:

A resposta à questão “Porque é que fazemos o que fazemos na sala de aula?” obriga a evocar essa mistura de vontades, de gostos, de experiências, de acasos até que foram consolidando gestos, rotinas, comportamentos com os quais nos identificamos como professores. Cada um tem seu modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de se dirigir aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos, um modo que se constitui uma espécie de segunda pele profissional (Nóvoa, 1999, p.16).

Portanto, minhas regências, minha construção da e na docência, minha identificação profissional, passou a ter sentido quando comecei a entender a turma com quem iria trabalhar e, com isso, senti que houve um estreitamento de laços com os estudantes e uma segurança maior em desenvolver as atividades.

Portanto, percebo que após nove meses de Residência Pedagógica, esse sentimento de medo de não conseguir dar aula é normal, pois ainda estou em aprendizado e em busca da minha identidade docente, sendo compreensível o sentimento de inadequação, de insegurança, principalmente no primeiro contato com o ambiente escolar. Tempos depois, após um contato maior, após várias regências, sinto que estou no caminho para a compreensão do meu EU profissional e como quero atingir os estudantes, através dos conteúdos presentes no currículo, ou aqueles que surgem em decorrência dos desafios do cotidiano da escola. Além disso, é importante ter em mãos um material diversificado e metodologias que podem ser mais atrativas, colocando em prática a “educação libertadora” que tanto sonhamos.

Construir uma identidade docente é um caminho permanente, dei início à minha caminhada quando escolhi o curso de licenciatura, mas só com o contato com a escola que consegui articular a teoria com a prática. E à medida que criei um laço de confiança com os estudantes senti uma maior segurança ao realizar os planos de aula, tornando mais fácil sair do tradicional e ousar nas atividades.

REFERÊNCIAS

BENITES, Larissa C. **Identidade do professor de Educação Física: um estudo sob resaberes docentes e a prática pedagógica**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade). Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro-SP, 2007.

DOMINICÉ, Pierre. **L'histoire de vie comme processus de formation**. Paris: Éditions

IZA, D. F. V.; BENITES, L. C.; SANCHES NETO, L.; CYRINO, M.; ANANIAS, E. V.; ARNOSTI, R. P.; SOUZA NETO, S. de. Identidade docente: as várias faces da constituição do ser professor. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 273–292, 2014. DOI: 10.14244/19827199978. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/978>. Acesso em: 26 ago. 2023.

MARTINEZ, M.L, RAMOS, P. P. **Identidade docente: trajetórias profissionais na construção de si**. 2018. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em:

<https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/cidu/assets/edicoes/2018/arquivos/351.pdf>

NÓVOA, A. Formação de Professore e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. Disponível em http://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4955743/mod_resource/content/1/Antonio%20Novoa%20-%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20professores%20e%20profiss%C3%A3o%20Odocente.pdf

NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999